

Iremar Antonio Ferreira

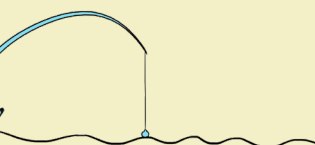
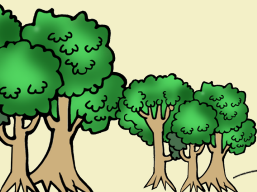
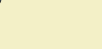
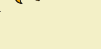
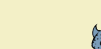
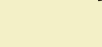
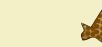
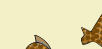
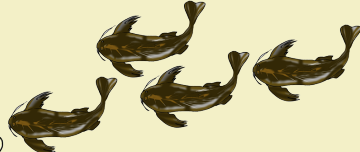


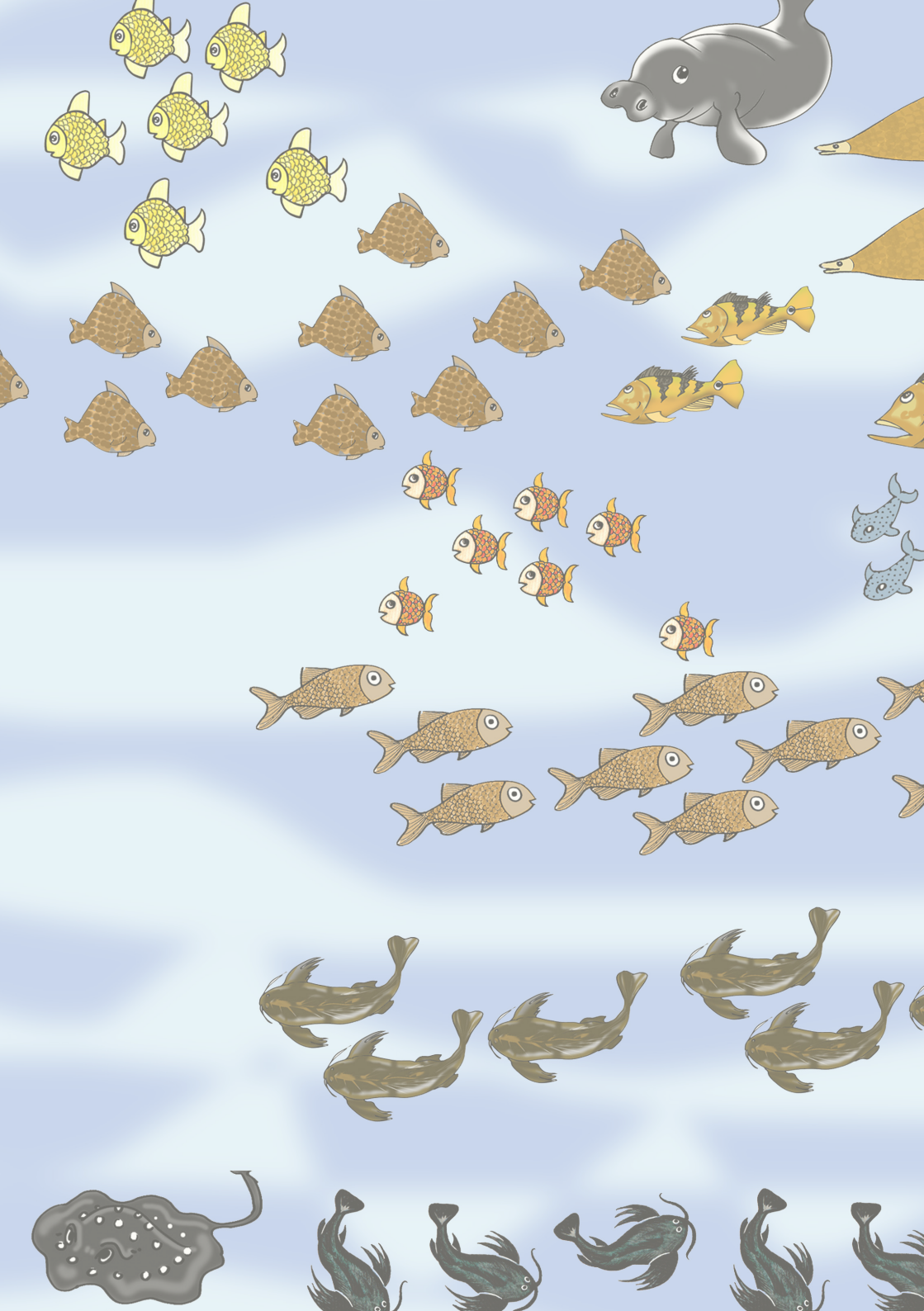
MANIFESTO DOS PEIXES PELA VIDA !



OS PEIXES

SENTEM!





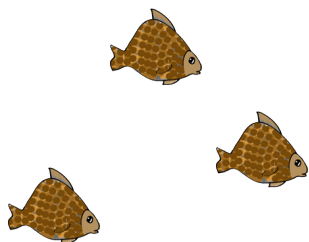
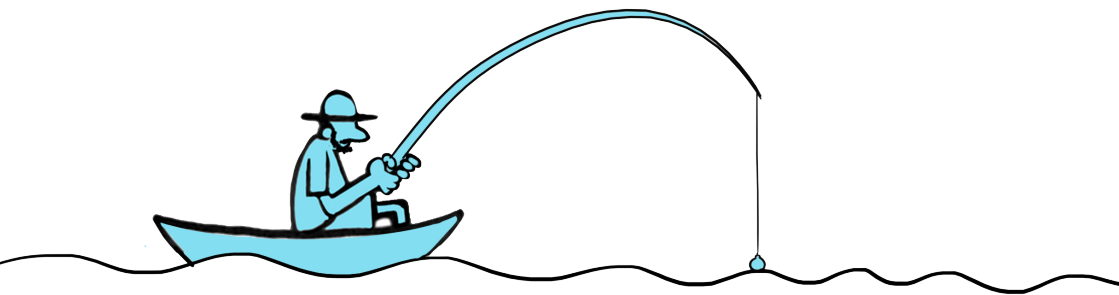
Iremar Antonio Ferreira



**MANIFESTO DOS
PEIXES
PELA VIDA !**



Nazaré - Baixo Madeira-RO



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

F382m Ferreira, Iremar Antonio.

Manifesto dos peixes pela vida! Os peixes sentem! / Iremar Antonio Ferreira – Porto Velho: Rondônia, 2021.

10f.

ISBN: 978-65-00-28115-6.

1. Ficção – Literatura infanto-juvenil. 2. Educação. 3. Peixes.
I. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia. II. Barbosa, Xênia de Castro. III. Título

CDD– 028.5

Bibliotecária Responsável Miriã Santana Veiga CRB 11/898

O presente texto, nasceu dos diálogos na Articulação Direitos da Natureza- A Mãe Terra, em nível nacional, da qual faço parte como membro do Instituto Madeira Vivo, do Coletivo Mura de Porto Velho e do Fórum Mudanças Climáticas e Justiça Socio-ambiental.

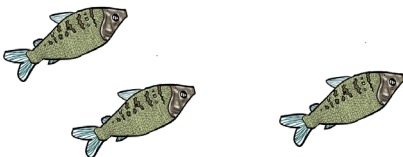
Ao olhar para minha realidade em Nazaré, baixo Madeira, região afetada pela construção de projetos hidrelétricos, hidrovia, mineração e expansão da agropecuária, associados ao desmatamento e queimadas, me coloquei dentro do rio, sentindo as mudanças climáticas e suas consequências nas demais formas de vida além da nossa.

Com este diálogo, numa linguagem acessível, me permiti ecoar vozes da Mãe das Águas - os peixes, da qual faço parte em sua integralidade nesta Casa Comum.

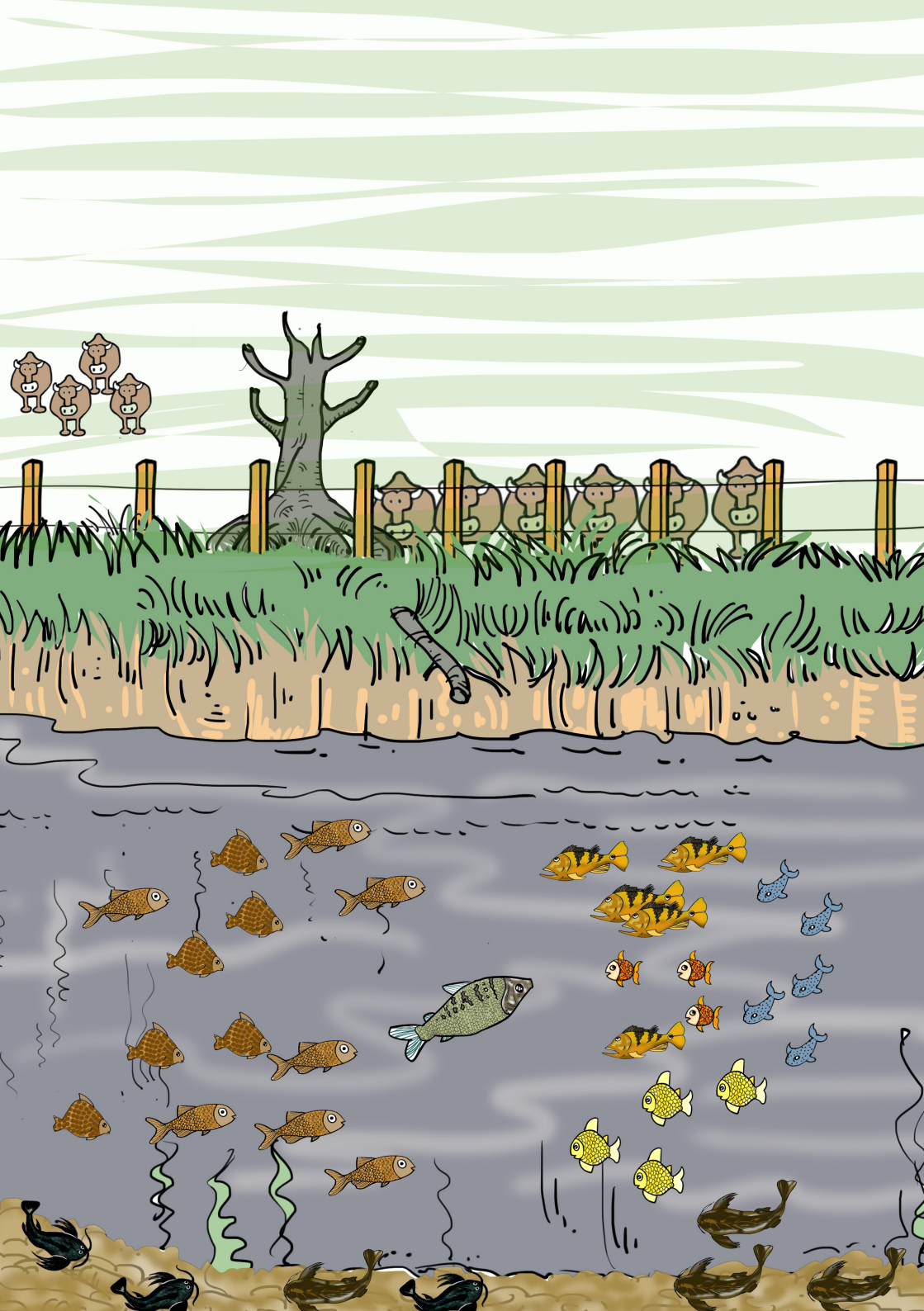
Compartilho às leitoras e leitores, independente de idade esse texto e desejo que passem adiante a mensagem.

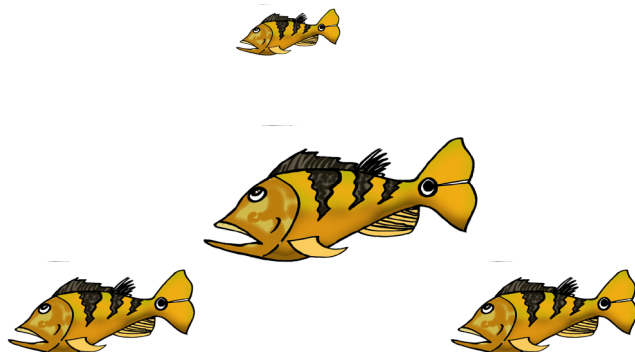
Os convido a escutar as vozes dos peixes dos rios e ou igarapés de onde você vive e a somar no grito pelos Direitos da Natureza, a Mãe Terra.

Forte abraço do tamanho do Rio Madeira, território ancestral Mura.



Iremar Antonio Ferreira





A

peixarada logo se deu conta de que dizia respeito a eles...

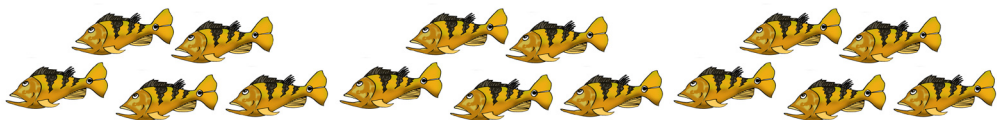
As águas estavam turvas, brancas como se diz no período da chuarada, quando ela fica carregada de sedimentos, lama, diferente do verão, quando fica clara, com tom esverdeado ou preto...

Era sinal de que algo de errado estava acontecendo...

O cardume de branquinhas subindo lá pelas bandas de Calama logo avistou as alterações e procurou os tucunarés e demais peixes no lago do Acará pra conversar.

Dona Branquinha, cansada, que tinha acabado de chegar do rio Machado foi logo tomando a palavra:

-Tô vindo de muito longe, lá das cabeceiras do rio Machado. Passei por cidades grandes e pequenas, terras indígenas, áreas de preservação, reserva extrativista, assentamentos rurais, enfrentei cachoeiras e por isso cansei. Em viagem parei



na região do tal Machadinho, onde já derrubaram quase todas as árvores, fizeram pastagens e tem muito boi, agora entrou a tal da soja e pouca gente nas moradias. A maioria das moradias estão vazias. Antes por lá tinha muita gente. Mas ouvi dizer que era pela tal da concentração fundiária. Vi grandes extensões de terra tombada. O que era de baixo veio pra cima e de cima foi pra baixo, tudo feito com grandes máquinas. Depois alisavam a terra com máquinas menores e outras máquinas diferentes jogavam sementes e daí nasceu a tal da soja. Parece um lago de calmaria, tudo verdinho... Cheguei a me assustar quando passou um pássaro gigante dando um banho de veneno na soja! Foi também nesta região que vi igarapés cheios de terra, sem vida, assoreados... Não tem mais peixe nestes igarapés, porque a chuva aplicada pelo pássaro na lavoura de soja, ao ser levado pelas águas das chuvas foram contaminando as águas e os peixes morrendo tudinho.

Dona **Pacú-Açú** que escutava pediu um aparte e perguntou:

-Dona **Branquinha** eu sei que a senhora é muito rápido na sua viagem, mas queria saber se a senhora passou por uma vila de pescadores chamada Tabajara?

-Claro que sim dona Pacú-Açú e fiquei muito preocupada. Vi pescadores tristes. O lamento era um só “não temos mais peixe como antigamente, parece que tão sumindo, que o veneno está matando e ainda querem fazer a barragem aqui em Tabajara”... Ai eu fiquei preocupada com este desabafo do pescador e quis logo entender o que era essa tal de barragem. Então, me pus a escutar os pescadores mais velhos, que sentados na proa da canoa enquanto lançavam suas linhas pra tentar pescar algum parente nosso diziam: “a barragem vem ai e vão tirar nós daqui para dar lugar ao progresso. Isso aqui tudo vai virar um mar d’água.

Vão fazer igual no rio Madeira. Vão colocar barreira de cimento no rio, trancar tudo lá pra cima, represar como eles falam, pra poder fazer hidrelétrica, para gerar energia elétrica pra alumiar o Brasil. Com isso, nós temos que sair daqui pra ajudar o Brasil ter mais energia elétrica. Mas, também tô sabendo que o pessoal que mora lá por São Carlos, Nazaré e Calama, só tem energia de motor gerador, mesmo tendo duas grandes hidrelétricas em Porto Velho e que tiraram muita gente da beira do rio pra construírem elas e tem gente que até hoje não recebeu seus direitos". Pois é, foi isso que eu ouvi e fiquei muito preocupada e já estava de saída quando outro pescador ainda disse mais: "tô sabendo que os pescadores de Santo Antonio, Teotônio, Jaci, Mutum, na Bolívia e região de Guajará Mirim não tem mais direito de pescar no rio Madeira e que mais de 80% dos peixes desapareceram, ou seja, morreram com a construção das barragens e como é que os peixes vão subir o rio com isso no meio do caminho deles... Não tem mais reprodução dos peixes e com isso os pescadores foram enganados com algumas compensações e nada mais. Tá todo mundo urrando sem peixe, sem rio, sem comida e com dívidas pra pagar".

Dona **Curimba** balança o rabo e entra na conversa:

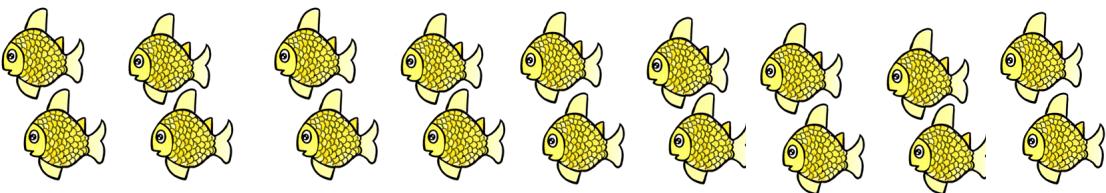
-Então quer dizer que nossos parentes peixes



grandes e pequenos foram mortos pelos construtores dessa tal barragem e por isso os pescadores da região de Calama tão batendo direto atrás de nós para mandar pro povo deles de Porto Velho? Eles exterminaram com nossos parentes e ainda sobra pra nós aqui no baixo Madeira?

Dona Branquinha tentando ajudar o grupo a entender continuou:

-É, pelo que entendi é isso mesmo, porque até escutei os seringueiros dizerem que o tal do governo deles até “trocou terra de preservação lá pras bandas de União Bandeirantes pra poder inundar na região da serra dos Três



Irmãos na beira do Madeira e que na região de Tabajara o governo já diminuiu o Parque Campos Amazônicos para que a Usina de Tabajara seja construída e inunde parte dessa região, onde também tem indígenas sem contato”. Isso quer dizer peixarada, que nós temos que juntar mais peixe nesta caldeirada de resistência e vamos fazer um banzeiro antes que seja tarde.

O **Mandi**, com seu esporão pontiagudo pede licença pra usar a palavra:

-Eu estou escutando vocês e estou muito preocupado. Meu povo que vive nas beiras dos barrancos desses rios estamos sofrendo uma perseguição muito grande. Antes quando tinha maior quantidade e diversidade de peixes, os tais humanos tinham esquecido de nós e poucos se interessavam pelo nosso corpo em seus pratos, mas agora, nos tratam até com discriminação enquanto



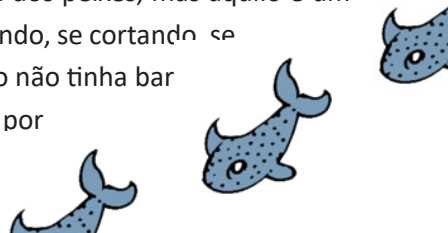
nos comem: “ixi, só tem mandi; mandi di novo; não tem outra coisa; o jeito é comer mandi”... Isso está nos ofendendo, porque além de alimentar esses buchudos do beiradão, ainda sofremos tal do buli e todo dia estão lá no barranco nos pescando só porque gostamos de comer barro nas plantas e outras cositas más que jogam no rio... comemos o que tem, já que nossa vida não tá fácil não pra se alimentar! Pra sobreviver temos que esporar os desavisados pra tentar escapar de suas mãos e evitar de ir pra panelas desses humanos.

O **Peixe cachorro** fica esperando o **Mandi** terminar e já emenda:

-Já a minha parentada, que antes era pouca visada pelos pescadores, agora não escapa um; todos vão pra panelas deles, pra grelha onde nos assam e se deliciam mesmo reclamando que temos bastante espinho, coisa e tal... não tem jeito, eles não nos deixam em paz... todo dia tem pescador nos lagos, igarapés e igapós com linhadas, caniços e malhadeiras, mesmo no período da piracema, quando dizem que é proibido nos pescar, mas nada, eles não respeitam e nem pensam nos seus filhos e netos... quero ver como vai ser pra essas pessoas quando nós resolvermos fugir pra longe deles, se é que exista algum lugar onde possamos ir e viver livres deste medo de todo dia.

O **Tucunaré-açu**, idoso, que de longe escutava a conversa chega bem perto e pede a palavra:

-Óia meus parentezinhos, eu que já vivi muita coisa, já escapei de tantas armadilhas da vida, posso dizer que tá cada vez mais perigoso pra nós viver nestes rios da Amazonia. Por um lado tem as tais pescarias de pegue-e-solte, que traz os ricos de vários países para nos pescar, rasgar nossa boca, tirar fotos e nos soltar machucados, como se fôssemos descartáveis, como se não sentíssemos dor. Aí quando menos se espera lá colocam barreira de cimento em nosso caminho e não podemos mais subir com nossas fêmeas para lugares seguros pra desova. Eu vi lá em Santo Antonio do Madeira, onde fizeram tal da barragem, que deixaram um canal pra subida dos peixes, mas aquilo é um crime, a gente tenta subir e cansa e volta se batendo, se cortando e machucando e não consegue. Antes não, quando não tinha barragem nós tínhamos o caminho entre as pedras por



onde nadávamos, parávamos, descansávamos e seguíamos nossa migração. Agora isso não ocorre mais. Ficamos prisioneiros no rio e tivemos que buscar saídas pra reprodução nos lagos menores e todos cercados por humanos que não deixam nossos filhotes crescerem e já os pegam e com isso estamos diminuindo e vamos desaparecer... Todos os humanos falam que caldeirada boa é de Tucunaré, mas ninguém quer ficar sem comer pra deixar a gente se reproduzir...isso é um crime contra nosso direito de ser peixe e direito de reprodução pra alimentar eles próprios...Isso me deixa muito indignado!

O **Surubim**, peixe liso, também conhecido por **Cachara** vem lisamente entrando na conversa:

-Meu povo gosta mesmo é de viver nos lagos, livres e em águas calmas. Mas isso já não é mais possível nestes tempos. As águas estão agitadas, pesadas, barrentas. Parece que quem manda na vida do rio agora são os tais humanos, porque mesmo sem chuva as águas sobem e baixam de repente.

Não é mais as forças da natureza que conduz nossa vida, mas sim os humanos. Diante disso, nossa vida tá confusa, porque as frutas não temos mais desde a grande inundação de 2014, quando a maioria morreu. Depois veio as queimadas que chegaram matando a vida até na beira dos rios. Agora pra completar querem estes tais humanos construir mais uma barragem no nosso rio Machado? Onde isso vai parar e nossos direitos como peixes que tem vida, que alimenta os tais humanos, ou será que não nos consideram seres vivos será que eles não sabem que nós fazemos parte da mesma cadeia alimentar da qual eles também fazem parte, ou seja, nossos direitos de existir é o que sustenta o direito deles, ou estou errado? Eu penso que devemos convidar mais peixes pra nossa reunião e fazer um Manifesto de nossos direitos.

Dona Branquinha que coordenava a reunião concordou e pediu a sua filha que fosse chamar dona Pirarara, considerada a maior do rio Madeira em tamanho e única que coloca medo nos pescadores.

Dona **Pirarara** chega com toda sua opulência, entra na roda e como já foi informada do assunto pela filha de dona Branquinha foi se expressando:

-Eu agradeço por terem me chamado, porque também estou preocupada com minha família com esta situação. Os pescadores antes dessas barragens no rio Madeira, só pescavam meus parentes acima de um metro de comprimento, mas agora, com a dizimação que promoveram contra nossa comunidade, estão pegando e levando pra suas casas qualquer tamanho. Esta semana mesmo meu filhote menor de cinquenta centímetros foi fisdado e levado, antes mesmo da liberação do período da piracema. Nós não temos mais paz e muito menos respeito com nosso direito à reprodução, crescimento e vivencia. Ainda querem construir mais hidrelétrica no rio Machado? Isso é crime contra nossa vida e dos indígenas que vivem nesta região, pois tem os Tenharim, Diahoy, Arara, Gavião e os indígenas sem contatos que também tem direito ao rio livre e pelo que sei, se fizerem barragem em Tabajara vão alagar parte da terra onde vive estes isolados... até escutei os **Kawahiwa** falando que eles tem direito de serem consultados diante desta ameaça e ai me perguntei e NÓS? não vão nos consultar também? Não vão consultar a floresta que vai ser exterminada, alagada? Será que nossa vida tem menos valor que a das pessoas? Elas não depende de nós e da floresta pra se alimentar? Como querem nos destruir sem respeitar nossos direitos? Não, isso não tá certo, temos que construir nosso Manifesto é agora. Quem vai anotar nossas ideias?

Dona **Branquinha**, toda organizada, colocou a cabeça pra fora e chamou dona Garça, que de pernas compridas comia algumas algas ali perto e ao saber do assunto se coloca para ajudar, mas muito sem saber o que fazer pergunta o que querem que ela faça, o que de pronto dona Branquinha lhe orienta:

- Dona **Garça** precisamos que escute nossas palavras e as leve até os homens que estão fazendo o projeto da hidrelétrica de Tabajara lá em Brasília. Sa-

bemos que é longe, mas pode ir parando pra descansar, sem portanto perder cada palavra nossa. Dona Garça de pronto levanta pra escutar cada palavra que toda Branquinha foi ditando com base nas falas de cada um dos participantes deste Manifesto, que assim foi criando corpo:







OS PEIXES SENTEM!



Fica decretado que nós, os peixes dos rios: Machado, Preto, Madeira, Mamoré, Guaporé, Aripuanã, Marmelos, Teles Pires, Tapajós, Xingú, Abunã, Madre Dioz, Beni e entre outros, somos portadores de direitos.



Temos direito à Vida para manter a vida de vocês, pois se alimentam de nossos corpos. Mas, para que nossos corpos alimentem a vida de vocês, precisamos primeiro ter condições de nos alimentar, crescer e reproduzir com segurança. Do contrário tanto nós como vocês perderemos.



Sabemos que fazemos parte da cadeia alimentar da qual vocês humanos também fazem parte. Entretanto, assim como vocês, nós temos direito a viver nosso tempo de vida necessário para garantir nossas atuais e futuras gerações.



Fica decretado que nenhum peixe é menor em tamanho ou valor que o outro. Todos temos importância por igual. Abaixo toda forma de depreciação, seja por tamanho ou característica, pois lhes servimos na hora e na situação em que se encontram. Dessa forma, todos temos valor por igual.



Fica decretado que nossos rios tem que viver livres de barragens para que a vida possa ser plena. Cada rio barrado é causador de morte não por vontade própria, mas, pelas consequências das más intervenções. Nenhuma barragem mais em rios da Amazônia, Sim a Vida!



Fica decretado que nossos corpos são portadores de experiências e vivências seculares nesses rios da Amazônia. Temos histórias próprias de cada espécie e modos de vida específicas, que por isso, só com rios vivos poderemos viver nossas especificidades.



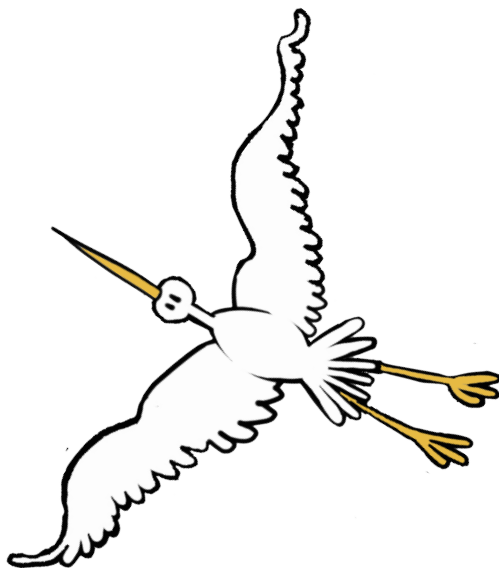
Fica decretado que as águas que nos alimentam e nos conduzem a vida “são águas sagradas”.



Fica decretado que NÓS os PEIXES, os RIOS e as FLORESTAS, aliadas aos povos e comunidades tradicionais, somos imprescindíveis para o equilíbrio da vida no planeta Terra.



“Fica Decretado que a vida é o Bem maior”



A

o concluir a narrativa todos os peixes deram saltos, mergulhos e bateram as nadadeiras, quando ia passando por ali o Boto Tucuxi, que ao se aproximar todos se juntaram com medo, mas ele que havia escutado boa parte da narrativa, foi logo dizendo:

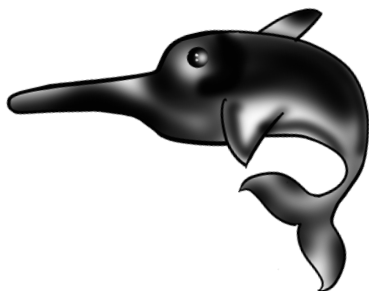
-Não tenham medo, eu estou com vocês também nessa. Todos nós estamos sofrendo com as mazelas dos tais humanos. Vamos somar nossos esforços para que não se construa mais nenhuma barragem nos rios da Amazônia.

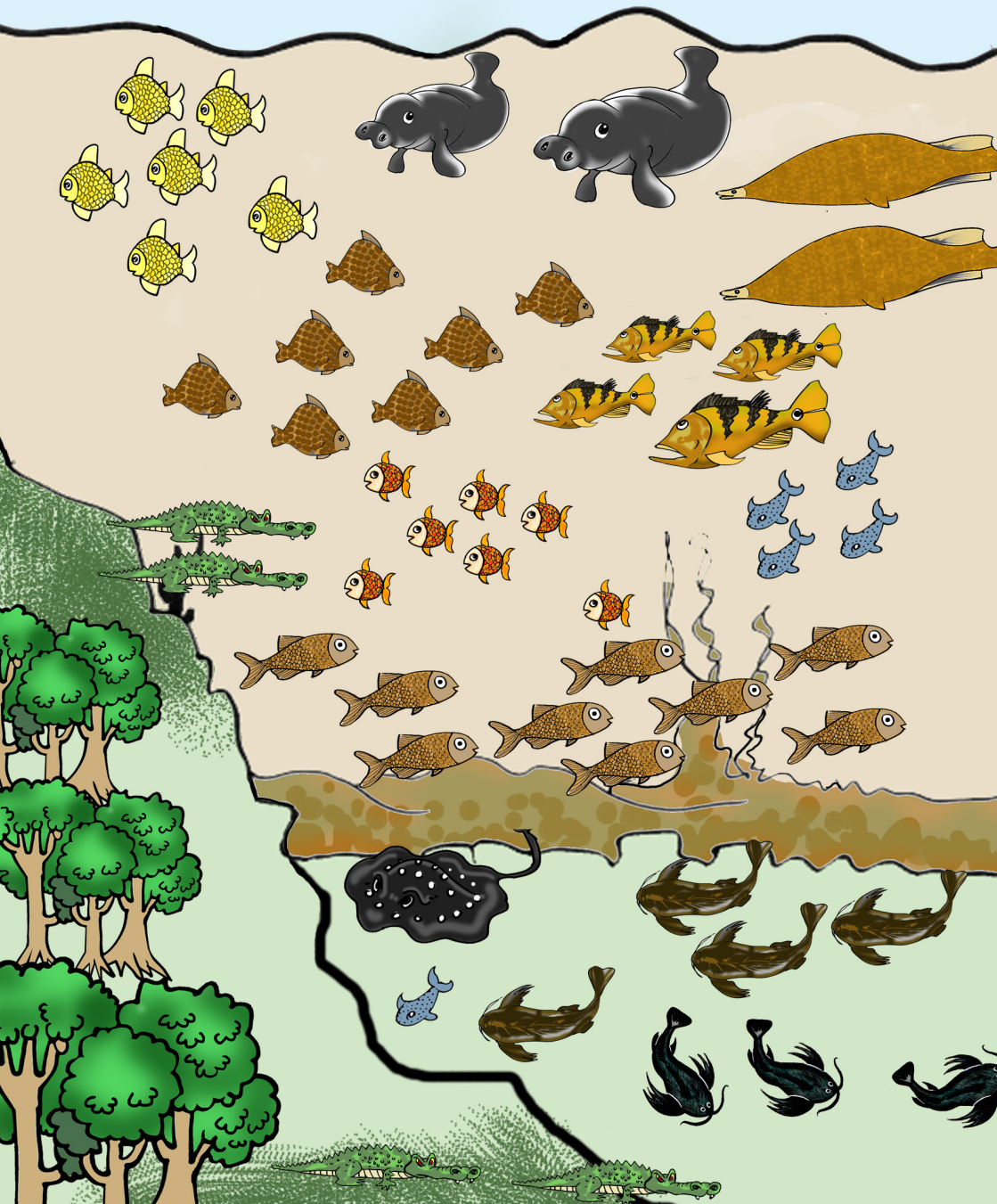
Novamente foi a maior festa, fizeram nados sincronizados comemorando esta união dos peixes.

Dona Garça, que escutou tudo e se emocionou com a narrativa e responsabilidade de levar a mensagem aos humanos, pediu a palavra:

-Peço licença para dirigir a palavra ao cardume, pois nunca me senti tão útil como agora. Vou fazer de tudo para corresponder com a missão dada e farei de tudo para cumpri-la. Ainda hoje começarei meu voo de mensageira. Vou passar por Porto Velho, no Ministério Público Federal e na Eletronorte deixarei a mensagem de vocês. De lá seguirei direto para Brasília, onde falarei para o Executivo, Legislativo e Judiciário. Falarei também para os ambientalistas, para os meios de comunicação social, para as comunidades religiosas, acadêmicas, enfim, pra todo mundo, porque até agora eu só tinha ouvido falar de “direitos humanos”, mas, é a primeira vez que escuto falar dos “direitos da natureza”, a começar pelos peixes. Isso é fantástico e ao mesmo tempo difícil de se fazer ouvir. Mas, eu uma simples Garça branca da Amazônia, da boca do rio Preto com o rio Machado, desaguando no rio Madeira, iniciarei meu voo em favor da vida não só de vocês, mas da minha também.

E assim partiu dona Garça voando nesta missão possível, em defesa dos Direitos da Natureza!







Edição, criação, projeto gráfico e ilustrações:

Paulo Emmanuel

Emman'stúdios

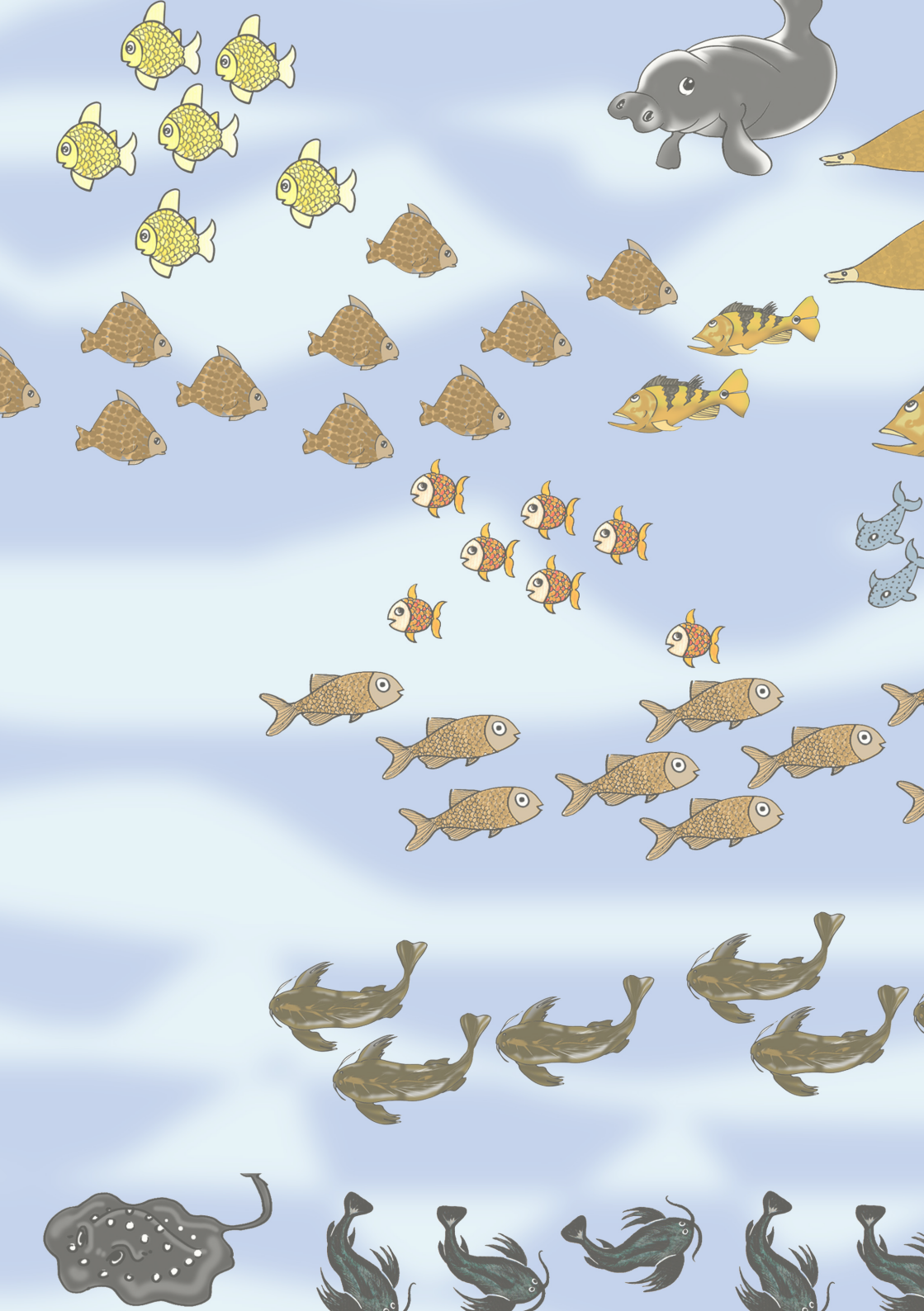
Trav. Monte Alegre, 335 - Fundos

Cidade Velha - Belém/PA

pauloemman@yahoo.com.br

Fone: 091-99318.3905 (watzap)

- 2021-



Iremar Antonio Ferreira



**MANIFESTO DOS
PEIXES
PELA VIDA !**

APOIO:



Fórum
Mudanças Climáticas
e Justiça Socioambiental



CÁRITAS
BRASILEIRA

MISEREOR
IHR HILFSWERK

